

Estudo sobre praias que vão desaparecer

A análise vai começar em agosto para identificar onde o mar está avançando e quais praias correm risco de sumir

O Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema) começa a analisar, em agosto, as primeiras imagens aéreas de todo o litoral do Estado para comparar onde o mar tem avançado e quais as praias que correm o risco de desaparecer com a erosão. O problema já afeta 14 praias capixabas, sendo que em quatro delas o problema é mais grave.

O oceanógrafo Pablo Merlo Prata, da Coordenação de Gerenciamento Costeiro do Iema, explicou que o estudo vai durar dois anos e direcionar as ações para a recuperação da orla, principalmente em Conceição da Barra, Piúma, Marataízes e Itaipava, onde os efeitos da erosão já são sentidos.

Outras praias que já iniciaram o processo, mas sem gravidade, são as de Costa Azul e Areia Preta, em Iriri, e Central, em Anchieta; Meaípe, em Guarapari; Praia Grande, em Fundão; Santa Cruz, em Aracruz; e Nova Almeida, Jacaraípe, parte de Mangueiros e Carapebus, na Serra.

“Vamos sobrepor fotos recentes de cada região e antigas. Ao percebermos que houve avanço da linha de costa, vamos avaliar de quantos metros foi e calcular uma taxa anual de erosão”, explicou Prata.

Ele observou que, embora as

alterações nas praias sejam naturais, a erosão ocorre devido à ocupação desordenada, como a construção de quiosques e a destruição da vegetação.

A proposta do estudo é também traçar diretrizes para a ocupação de toda a região costeira, evitando problemas futuros. “No nosso caso, 99% da erosão são por ocupação indevida. Com o estudo, poderemos alertar as prefeituras, mostrar as áreas críticas e instáveis, e apontar uma faixa de segurança para as construções”, ressaltou.

O secretário de Meio Ambiente de Piúma, Manoel Francisco Gonçalves Neto, disse que a água já levou a calçada e está chegando ao asfalto em alguns pontos do centro da praia. Algumas medidas já estão sendo tomadas, como um projeto de recuperação.

“Precisamos de um socorro do Estado e do governo federal, porque, com a chegada do inverno, a tendência é piorar o quadro. O que precisamos fazer imediatamente é aumentar a faixa de areia em pelo menos 100 metros. Estamos pleiteando recursos junto à banca federal”, disse o secretário.

Em Conceição da Barra, o Instituto de Pesquisas Hidroviárias (INPH) entrega este mês um projeto que vai apontar soluções para a erosão em Bugia.

Afundamento é explicado

Após a divulgação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de que o nível do mar aumentou 15 centímetros em quatro anos em Macaé, no Rio de Janeiro – 15 vezes mais do que a média mundial – surgiu a dúvida: é só o mar que está subindo ou a terra está afundando?

A discussão também abriu espaço para questionar se outras cidades com grandes áreas de aterro, como Vitória, estariam sujeitas ao mesmo fenômeno.

A gerente da rede de estações do IBGE que medem o nível do mar, Claudia Lellis Anciães, explicou que o mareógrafo de Macaé (aparelho que mede as oscilações do nível do mar) fica em área de aterro.

“Do mesmo jeito que o mar sobe e desce, a crosta terrestre também varia, no mundo inteiro de forma natural. A área

pode estar sofrendo um rebaixamento, e o aumento de 15 centímetros não seria só a elevação do nível do mar, mas uma acomodação da camada terrestre. Mas isso não quer dizer que a cidade vá afundar”, explicou.

Segundo Claudia, isso não quer dizer que Vitória tenha chance de sofrer o mesmo fenômeno. “A análise tem que ser regional”, disse.

A doutora em Sedimentação Costeira Jacqueline Albino, professora de Oceanografia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) disse que o caso de Macaé pode ser apenas uma organização do sedimento.

O oceanógrafo Pablo Merlo Prata, do Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema), acredita que o sedimento de Vitória é consolidado.



Com a ressaca, o mar avança sobre a orla de Marataízes, no Sul do Estado

AS PRAIAS

Onde há maior risco de extinção

- Conceição da Barra
- Piúma
- Marataízes
- Itaipava, em Itapemirim

Onde há ameaça com menor gravidade

- Costa Azul e Areia Preta, em Iriri, e Central, em Anchieta
- Meaípe, em Guarapari
- Praia Grande, Fundão
- Santa Cruz, Aracruz
- Nova Almeida, Jacaraípe, parte de Mangueiros e Carapebus, Serra

Causas da erosão

- A erosão pode ser natural, em áreas instáveis como a dunas e foz de rios.
- Outro motivo pode ser a falta de sedimento (areia), como em regiões com falésias, muitas rochas ou de rios com dificuldade de transportá-lo.
- A ocupação desordenada, com construções sobre as dunas, obras mal planejadas, destruição de vegetação costeira e construção de barragens e represas são os principais motivos da erosão.

Fonte: Iema

Avanço da maré é pesquisado

Estudos vão apontar quantos milímetros o nível do mar tem subido na costa capixaba, por ano, em função dos efeitos do aquecimento global, do ciclo natural de variação no nível dos oceanos ou dos dois fatores associados.

A estação de monitoramento do Porto de Barra do Riacho, da Portocel, poderá fazer a medição da elevação do nível do mar nos mesmos moldes com o que já é feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em Imbituba (SC), Macaé (RJ), na Bahia e no Amapá.

De acordo com a gerente da Rede de Monitoramento Maregráfico do IBGE, Claudia Lellis Anciães, a próxima unidade será implantada no Ceará, mas o Espírito Santo poderá ter dados regionalizados através do mareógrafo (aparelho de medição) do porto.

“Eles fizeram contato conosco pedindo orientação com relação a esse tipo de controle. A idéia é correlacionar os dados coletados com os de outros pontos do Brasil, criando uma refe-

rência única”, explicou.

Os dados do IBGE divulgados esta semana apontam uma elevação média do nível do mar em 2,5 milímetros por ano, em Imbituba, Santa Catarina. Os dados batem com a média mundial, que aponta elevação de 1,3 a 2,3 milímetros, ao ano. Os dados foram coletados entre 2002 e 2006.

O doutor em Engenharia Oceânica Daniel Rigo, chefe do Departamento de Engenharia Ambiental da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), explicou que, embora o Estado tenha mareógrafos, a metodologia não permite essa conclusão, mas já existem trabalhos nesse sentido.

A doutora em Sedimentação Costeira Jacqueline Albino, professora do curso de Oceanografia da Ufes, disse que os efeitos da elevação do nível do mar são diferentes em cada região.

“Se a praia tem sedimento para adaptação, como Camburi, os efeitos são menores que nas praias afetadas pela erosão, como a Curva da Jurema”, explicou.

Mais areia na Curva da Jurema

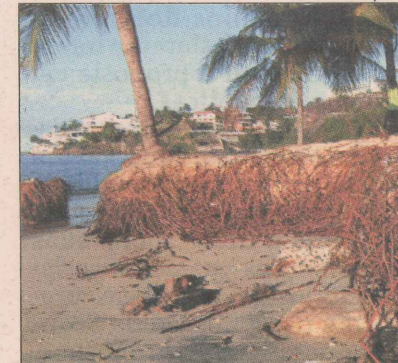
A praia da Curva da Jurema pode ganhar mais areia para conter a erosão, como já foi feito na orla de Camburi. Essa é uma das medidas que serão avaliadas em um estudo que vai indicar como salvar a praia do avanço do mar.

O oceanógrafo Pablo Merlo Prata, da Coordenação de Gerenciamento Costeiro do Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema), disse que a erosão da Curva da Jurema não acontece como nas outras praias ameaçadas de desaparecer no Estado, já que a linha da costa se formou por um aterro, onde foi feita a urbanização.

De acordo com a doutora em Sedimentação Costeira Jacqueline Albino, professora de Geologia do curso de Oceanografia da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), isso fez com que as correntes se readaptassem, atingindo quiosques e calçada.

O secretário de Meio Ambiente de Vitória, Antônio Tarcísio Correia de Mello, explicou que o objetivo do estudo, que deve ser concluído em 12 meses, é considerar todos os aspectos para conter o processo de erosão. “O resultado vai mostrar se será possível colocar mais areia”, disse.

LUÍZ PAJAU/AT



Erosão na praia em Vitória

Negada liberdade a Itiberê

A 2ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça negou ontem por unanimidade um recurso em favor do comerciante Marcos Itiberê, condenado pelo assassinato dos dois filhos, ocorrido em Vila Velha, em maio de 2000.

A ação pedia a nulidade da sentença da 1ª Vara Criminal de Vila Velha, que condenou o comerciante a 43 anos de prisão, em 2003. De acordo com a defesa, o processo apresentava irregularidades que justificam a anulação, mas o relator do processo, o desembargador Ronaldo Gonçalves, contestou a tese de nulidade. Itiberê permanece preso no complexo de Viana.